Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

ERNEST PAULINI

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistado - Ernest Paulini (EP)

Entrevistadores - Lisabel Espellet Klein (LK) e Eduardo Vilela Thielen (ET)

Data - 30/08/1990

Duração – 1h

Local - Belo Horizonte/MG

Transcrição - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PAULINI, Ernest. *Ernest Paulini*. *Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 12p.

Data: 30/08/1990

Fita 1 – Lado A

EP - ... não somente o Centro de Pesquisas de Belo Horizonte, que naquela época eu acho foi chamado simplesmente Instituto Nacional de Endemias Rurais com nenhum objetivo e fez parte desse conjunto do Instituto Nacional de Endemias Rurais o laboratório de Recife, o Núcleo de Pesquisas em Jacarepaguá no Rio, e o núcleo de pesquisas em Salvador, só, agora, a transformação, mais tarde. Então, deu na forma de receber o centro de pesquisas de Belo horizonte, do Instituto Nacional de Endemias Rurais, e aí o, depois da morte de René Rachou, então foi acrescentado ao Centro de Pesquisas, René Rachou, em homenagem justamente a esse grande pesquisador. Então, eu comecei a trabalhar no Serviço Nacional de Malária, aliás, no Instituto Nacional de Malária, a cidade das Meninas, em 1950, 1951, 1950 ou mais acho. E em 1954 começava falar sobre a necessidade de sair da cidade das Meninas e mudar, agora ninguém sabia prá onde.

LK – Mas...

EP – Aí surgiu...

LK – Mas porque essa necessidade de mudar?

EP – Eu entendo que foi feito um pedido para que a cidade das Meninas ou meninos, nunca guardei se é meninas ou meninos, mas que era uma fundação feita pela filha do Getúlio Vargas, que estava justamente naquela época, foi quando Vargas era o presidente, foi que a Fundação então justamente pediu que seja recuperada aquela área. O que, provavelmente, isso que não sei porque anterior a minha chegada ao Brasil, mas parece anteriormente a Getúlio Vargas, na época de Getúlio Vargas foi criada aquela fundação e aquele núcleo para realmente formar aquela Cidade das Meninas. O instituto de malária foi iniciado, se não falha a minha memória em 1948, e foi aproveitado aquelas casas que foram construídas, mas vazias, foram aproveitadas prá colocar o instituto lá. Por sinal, tinha vantagem e desvantagem. As vantagens foram que tinha espaço bastante e até muito grande, cada laboratório tinha espaço à vontade, agora a desvantagem é que a gente saía 7 horas do Rio de ônibus ou 7:30, prá chegar a uma hora e mais tarde na cidade e á noite demorava uma hora e meia prá chegar em casa porque o tráfego era difícil, então a gente perdia mais de duas horas por dia, simplesmente sentando no ônibus ir e voltar. Então 1954 começava a falar que vai, precisa mudar, e eu somente sei dos resultados. Daí apareceu certa ocasião a notícia que é Belo Horizonte tem lugar prá isso. E aí o, acho que em 1955, nos primeiros meses, 1955, René Rachou me convidou para acompanhá-lo e ver a situação aqui em Belo Horizonte. Nós chegamos aqui provavelmente viria mais uma pessoa junto, mas acho que fomos umas três pessoas, mas não me lembro quem foi a terceira pessoa. Então, nós chegamos aqui passamos dois dias, dois a três dias aqui, visitamos o prédio que naquela época estava terminada a construção e originalmente foi destinada à chefia da circunscrição de Belo Horizonte, das Endemias Rurais, circunscrição de Minas. Aí nós olhamos e já começamos fazer a supervisão, onde poderia ficar, qual o laboratório poderia ou ficar onde etc., e voltamos com a decisão esse prédio pequeno, quer dizer muito menor em área do que a Cidade das Meninas, mas dá prá adaptar e funcionar aí.

Então, nós voltamos e aí começava a discussão, quem vai, quem não vai etc. e por razões assim pessoais, eu estava muito disposto de mudar, e disse que nós sofremos no Rio, estava, nós sofremos, durante dois verões no Rio, 1952, 1953, verão quentíssimo, 40º, dia e noite, então e a gente naturalmente, naquela época não existia ar condicionado, ar condicionado era 40º (risos), de modo que, ai dissemos, é preferível mudar prá as Alterosas e eu estava disposto imediatamente de ir. Trabalhava comigo naquela época, quer dizer, foram a pedidos, acho, que 1952, 1953, os três quatro ou cinco farmacêuticos que se formaram em Ouro Preto e o Dr. Mário Pinotti era o paraninfo da turma, então ele simplesmente colocou todos os cinco farmacêuticos no instituto. E o Pedro, José Pedro, atualmente é o vice-diretor do instituto, do Centro, então, ele foi o meu assistente no laboratório de inseticida, porém eu sempre dava preferência a chamar Química porque a gente trabalhava com todos problemas químicos que surgiram nessa malária ou nas endemias rurais. Então ele foi, e ele como era mineiro, naturalmente foi também, não somente eles, mas a turma toda, os outros que já não, eu acho que, eu sei que um...minha memória prá nome não é, mas todos eles vieram prá cá, mas depois saíram prá outras atividades. Acho que um ficou no serviço, de, passou para a campanha de erradicação da malária, outro estava trabalhando na parasitologia saiu daqui de Belo Horizonte e foi prá gente do Johnson, da fábrica de produtos farmacêuticos, três, dos três, quatro, cinco, os outros dois eu não sei onde ficaram, o Pedro naturalmente José Pedro ele lembra melhor essa, quanto tempo eles ficaram, de modo que a turma dos mineiros tava naturalmente logo dispostos, e dos outros, não sei dizer quantos pesquisadores tínhamos no instituto, deve ter sido uns 50, em torno de 50 pessoas. Dessas, aproximadamente a metade veio prá cá e outra metade ficou no Rio, mas depois, nos anos seguintes algumas pessoas do Rio então, voltaram pro Rio. Então, demorou tanto que entre as pessoas que começaram a trabalhar no Instituto de Malária relativamente poucas pessoas ficaram aqui o José Pedro, eu, eu fui, bom a minha família acho que fomos os primeiros que mudamos prá cá, a dificuldade no princípio era muito grande porque naquela época Belo Horizonte não tinha apartamento e as casas todo mundo morava na sua própria casa, então, me recordo que o Rachou, bem Rachou voltava prá, também, devido ao fato de que ele estava naquela época o chefe do instituto, então ele não ficava, ficava assim, indo pro Rio, voltando prá cá eu fiquei quase um mês no hotel procurando moradia, olhamos diariamente dois, três anúncios, só para aqui, acolá, até que um belo dia me encontro com colegas da...

LK - O Chapadeiro?

EP - O Chapadeiro, engenheiro sanitarista que era, trabalhava na malária como engenheiro, e então disse: Bom, eu fui transferido prá Rio, então você fica na minha casa e fica resolvido lá.

LK - Foi ele que fez o projeto do instituto?

EP - Foi, quer dizer, ele fez o projeto e o amigo dele por sinal, foi vizinho, quer dizer, vizinho da casa, o outro era engenheiro foi o efetivo construtor, construtor, então essa .... Então assim, nós, depois de um mês, a gente conseguiu então começar a arrumar o laboratório e começar a trabalhar. Outra aventura foi que os nossos, naquela época a estrada Rio- Belo Horizonte ainda não estava asfaltada, e a nossa mobília do Rio chegou após três dias ou quatro dias de viagem, pelo melhor transportadora e quando desmontaram então todos os móveis cobertos com um cm de poeira velha.

LK - O senhor já tinha filhos, ou não tinha filhos?

EP - Ah, sim, dois filhos.

LK - Pequenos?

EP - Naquela época, 10 anos, 11 anos, 10 e 11, mas essa foi relativamente já fácil porque questão de transferência de, era na época de maio, chegamos aqui em maio de 55, maio, a gente... depois chegaram logo as férias escolares, tal, e no segundo semestre, então, meu filho fez um exame, entrou no Colégio estadual, e foi muito prático porque o Colégio estadual naquela época foi exatamente ao lado do instituto, (riso), foi muito conveniente.

LK - Completamente diferente do Rio, né?

EP - E a gente está nessa casa do Chapadeiro, estava na Barroca, Barroca naquela época era o fim da cidade, depois somente mato, (risos), a gente pegava o bonde e descia no calafate, e chegava, passava em frente ao instituto, em frente ao Colégio estadual, pegava novamente o bonde e voltava prá casa.

LK - Isso num período muito curto.

EP - Em cinco, 10 minutos.

LK - Ah, sim, completamente diferente de uma hora.

EP - É, de duas horas foi reduzido a 10 minutos.

LK - E os equipamentos do laboratório vieram do Rio?

EP - Todos vieram do Rio, foram transportados.

LK - Desmontou o laboratório lá?

EP - Sim.

LK - Transferiu ele todo prá cá?

EP - Sim, aqui era a instalação toda foi transferida.

LK - O senhor chegou a trabalhar na fábrica de BHC?

EP - Pois é, eu fui parcialmente, porque quando fui contratado já estava funcionando, mas eu supervisionava a fabricação, e aí começava a fazer pesquisas sobre a ação de inseticidas, analisar o tempo de ação, tempo de atividade do inseticida, fiz uma série de trabalhos sobre isso, e no total, essa... Depois que vim prá Belo Horizonte, então, a minha produtividade científica duplicou, naqueles primeiros quatro anos, 1951, 1955 eu fiz uns talvez 10 ou tantos trabalhos aqui, chegando aqui, e começava a produzir mais ou menos cinco comunicações por ano, então, é...

LK - As condições de trabalho melhoraram 100%?

EP - Ah, sim, é muito, muito mais, tinha condições assim, não digo materiais, mas a tranquilidade, a vida naquela época em Belo Horizonte era muito calmo, sem problemas, sem preocupações etc., facilitou de modo que a gente estava realmente, podia desenvolver toda a sua atenção e dirigir a sua atenção aos trabalhos de pesquisas. Aí depois começaram a chegar visitas exterior e cada vez justamente com a equipe que foi recrutada naquele, logo depois em 1955, aí entraram, o José Pellegrino primeiro, depois o, aliás, os dois trabalharam muito e a princípio muito junto, o Pellegrino e o [...] Zigman Brenner. Depois foi também, chegou aí para o nosso quadro o professor Schreiber da Universidade Federal, e agora é interessante que no Rio um colega que trabalhei muito que desenvolve muitas pesquisas, Ivan Ricciardi, ele ficou no Rio, ele não quis voltar prá, não quis vir a Belo Horizonte, também ficaram no Rio, o Rostan [Soares], a Dra. Nina.

LK - A Dra. Nina não veio prá cá?

EP - Não, não veio.

LK - O Barragat?

EP - O Barragat ficou também, Barragat, o, também trabalhou comigo uma moça, a Hilda, ...

LK - Hilda, que ficou lá.

EP- Aliás, última vez que eu vi, me encontrei com ela em Brasília, por ocasião da, acho que foi uma, uma reunião, só um minutinho, conferências na área de saúde, alguma coisa assim. Mas, o, de modo que entre os colaboradores anteriores, somente o José Pedro ficou comigo e um técnico, um técnico de laboratório...

LK - Sr. Cícero?

EP - Quem?

LK - O Sr. Cícero?

EP - Quem?

LK - O Senhor Cícero.

EP - Cícero? Não, não tinha um outro técnico. Eu não me lembro o nome e um rapaz que era mais mecânico do que químico, era de Pernambuco e ficou aqui dois, três anos depois pediu transferência prá Pernambuco. De modo que essa, mais ou menos esse foi, o mais interessante foi na, aqui na história, as visitas do senhor Ansari, da Organização Mundial de Saúde, logo nos primeiros anos, era mais ou menos 1957 por aí, 1958. Depois um outro grande pesquisador apareceu, passou aqui, estava interessado muito em nosso trabalho sobre o sal antimalárico, era o Dr. Potner, do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, que foi gozadíssimo. Ele me convidou a apresentar um trabalho no Congresso Internacional de Medicina Tropical em Lisboa, em 1958, 1959 por aí, e ele via o meu trabalho, tal, nessa pesquisa sobre a droga antimalárica e acompanhamento de pessoas que tomaram o sal com cloroquina.

Então eu precisava de uma técnica de dosagem que exigia um espectrofotômetro assim mais sofisticado, o que a gente não tinha, então descobri um no Instituto de Tecnologia Industrial, e estava fazendo toda minha pesquisa com aquele aparelho coletando amostras durante semanas e ia levava tudo lá e analisava e depois novamente. E o camarada viu isso e não falou nada. Depois que ele saiu, seis meses depois nós recebemos um aviso que o espectrofotômetro está chegando em Belo Horizonte como doação e, d[...] da USAID, United States Aid, ajuda, cooperação internacional, tal. Chegamos, recebemos de graça, aí depois, naturalmente o Amilcar Viana, que inclusive foi o diretor do Instituto em certa época, que estava dedicado a flebótomos, o Mayrink que ainda hoje está trabalhando na Leishmaniose, o Dr. Marcelo Coelho veio de primeiro veio como um estagiário, passou uns meses aqui em Belo Horizonte e depois ele era de Pernambuco, então, mais alguns meses, talvez um ano mais tarde, então, e de repente apareceu como, ficar (risos).

LK - Gostou?

EP - É, gostou e ficou. Quem mais estava, sim, ah, naturalmente durante muito tempo, o dr. Lobato foi uma das grandes figuras da pesquisa por aqui em nosso centro e [...] um caso interessante com o laboratório do professor Lobato era que um conhecido nosso, amiga da minha filha, estava completando a Farmácia e me pediu que se eu poderia arrumar um trabalho lá no Centro. Então conversei com o Lobato, o Lobato disse que tá, está tudo certo, você pode vir e começar a fazer como estagiário, pode começar a trabalhar. Então ela começou a trabalhar aí e aí um ou dois meses depois que ela entrou, chegou um professor americano para ver o trabalho de Lobato, e ficar, acompanhar um pouco os trabalhos, professor Bush; aí ele esteve aqui alguns meses e quando saiu então casou a moça e levou (risos).

Lívia - Natalícia

EP - Natalícia?

Fita 1 – Lado B

LK - Dr. Paulini, o senhor fica no Centro até quando?

EP - Até 1970. 1970, quando ocorreu a modificação do regime na universidade e começava a dar maior prêmio aqueles que ficaram em tempo integral. Então pedi que me colocassem à disposição da Universidade porque a partir de 1950, 1951 eu já era professor assistente, primeiro professor assistente da escola de engenharia, depois eu fiz concurso de livre-docência em 1959 e em 1964 eu fiz concurso prá catedrático. Então como catedrático já estava lá e em 1970 então tornou-se mais vantajoso de ficar tempo integral na escola. Aí deixei, quer dizer, recebi a transferência, mas eu fiquei realmente, prestando assistência especialmente ao laboratório de esquistossomose onde fiz um trabalho bastante importante durante uns três ou quatro anos. Fizemos um controle experimental de esquistossomose aqui em Belo Horizonte, na periferia da cidade, e com levantamentos epidemiológicos, controle por meio de produtos químicos e avaliação dos resultados. Então, a partir dessa pesquisa, nós anteriormente já, o nosso laboratório participou numa pesquisa de escala mundial na experimentação de produtos, vários produtos químicos, testando a sua eficiência como molusticidas.

Isso começou em torno de 1960, 1961, depois da visita do Dr. Ansari da OMS, e continuou até 1970 sem parar, de modo que inclusive nós recebemos um auxílio da Organização Mundial de Saúde para o desenvolvimento desse trabalho. Então, nesse trabalho teve primeiro uma grande colaboradora, a Toshie Kamei, uma japonesa, e depois que a Toshie mudou prá São Paulo, então o, a outra bióloga, a Cecília começou trabalhar, Cecília Pereira Souza, Souza Pereira, ela continuava o trabalho da Toshie e ela continua lá, agora ela é doutora, fez mestrado.

LK - Vou pedir a ela para ligar para o senhor.

EP - Bom, eu...

LK - Agora ...

EP - Sim.

LK - Eu queria saber uma coisa, vem prá cá, prá Belo Horizonte, o laboratório de Química.

EP - Sim.

LK - Nesse período, há uma transformação, ele permanece como laboratório de Química, ou, porque o senhor passa a trabalhar como controle de, testando inseticidas e tal, mas...

EP - Com drogas, então nós trabalhamos muito com ...

LK - Mas aí sempre como laboratório de Química fornecendo informações pro laboratório de esquistossomose, Chagas, como é isso?

EP - Bom, como disse, no princípio, na malária chamava laboratório de inseticida. Então, eu aqui no centro, não oficialmente, mas eu estava assim sempre utilizando ou expressando sempre o caráter do laboratório como laboratório de Química, porque o trabalho é muito mais abrangente do que simplesmente inseticida, teste de inseticida. No momento quando começamos a trabalhar com drogas antimalárica, então mudou completamente, fundamentalmente o caráter do trabalho, mas e também o nosso laboratório tentou resolver todos os problemas que surgiram em qualquer lugar, em qualquer ponto da, do país, no Serviço de Malária, Doença de Chagas, Esquistossomose, etc. Essas coisas mais variadas possíveis, uma, o natural, primeiro era o controle de qualidade... o inseticida não funcionava, porque, ou o inseticida não matava mosquitos, porque, o especialmente, quando em Belém, começava uma campanha contra *Culex* na, Campanha Contra Filariose, começava a aplicar DDT, não ajudava, começava a jogar BHC. Aí descobriram que na primeira aplicação foi excelente; o segundo já não era tão boa e depois de seis meses a população reclamava que a malária está ficando ágil e não tem inseticida. Aí passei uma semana lá para descobrir que o *Culex* tornou-se resistente ao BHC (risos). Então é, por exemplo, o problema de resistência dos insetos aos inseticidas foi um, por exemplo, um campo muito importante, que significava que a gente não trabalhava mais tanto com química, mas a biologia, (risos). E no meu trabalho de modo geral a característica foi sempre característica que eu peguei todos os problemas e tentava resolver mesmo se não tivesse nada a ver com química. Então, no fim por exemplo, quando já não estava oficialmente trabalhando no instituto, no Centro de

Pesquisas, eu estava ainda escrevendo trabalhos sobre Epidemiologia de esquistossomose. E apresentava, participei em dois congressos de epidemiologia, cada um com esses aspectos. Por sinal, a maior parte das minhas viagens ao exterior, convites, etc., ocorreram depois de 1970, quando já não estava oficialmente trabalhando no instituto, e relacionado com esquistossomose porque o último tempo depois desse trabalho em Belo Horizonte, então a publicação despertou o interesse então recebia correspondências e convites. Então, fui ao Cairo para um Congresso Internacional de Esquistossomose, depois fui a Porto Rico num outro congresso, fui a Santa Lucia, na ilha do Caribe, havia uma fundação, fundação, fundação... E também, esquistossomose foi um congresso, aliás uma reunião, não foi congresso, uma reunião analisando as perspectivas e as pesquisas nessa área. Depois, um sobre a modelagem epidemiológica da esquistossomose, eu participei numa conferência patrocinada pela Fundação Rockefeller na Itália; depois voltei prá Itália como bolsista da Fundação Rockefeller também para escrever o trabalho sobre epidemiologia da esquistossomose em Inglaterra, Edinburg, na, pela Associação Internacional de Epidemiologia, de modo que, realmente quando a gente tava, assim, olhando de retrospectiva as atividades. Então eu começava assim a classificar os meus trabalhos... começava assim com inseticidas, ação de inseticidas, analisando os fatores que influenciaram os inseticidas, os equipamentos, eficiência e avaliação dos equipamentos sobre inseticidas, depois, a, na campanha de, também relacionados com inseticidas, foram os repelentes para barbeiros e depois, sobre a resistência dos insetos aos inseticidas. Depois mudei o assunto e então comecei a trabalhar com molusticidas, também a ação, atividade biológica, depois começava a mexer um pouco com a, com a epidemiologia, ah, e no meio tempo, então começava soro cloroquinado, então em toda área, aspectos químicos e bioquímicos da cloroquina e sua aplicação, foi o meu interesse, de modo que a gente realmente encontrou uma área extremamente aberta, fútil, tal, podia em qualquer momento surgir algum problema, de modo que...

ET - Dr. Paulini, do primeiro período que o senhor trabalhou no INERu [Instituto Nacional de Endemias Rurais], aqui de até 1955 até 1963, quando morre o Dr. René Rachou, né?

EP - Sim.

ET - De 1963 a 1970, que é até quando o senhor fica, quais são as diferenças que o senhor lembra dessa mudança? Do período do Dr. René Rachou, prá década de 1970, assim do ponto de vista da pesquisa científica, do funcionamento do Centro?

EP - Primeira vista, olhando prá trás, eu não vejo, ou não senti, muita mudança. Geralmente eu estava me concentrando tanto no próprio trabalho que eu desenvolvi tantos contratos internacionais, de modo que a gente recebeu ajuda da OMS, etc., de modo que até certo ponto eu não senti nenhuma influência de quem está na direção do Centro de Pesquisas, de modo que...

ET - E com a incorporação do centro à Fundação Oswaldo Cruz em 1970, houve mudanças ou não?

EP - Oh,

ET - O senhor saiu, mas continuou trabalhando, né?

EP - Justamente, a incorporação acho que aconteceu quando ficou transferido ou liberado para a Universidade, de modo que, assim, eu somente sei que eu recebi, posteriormente, um questionário se quero ficar assim ou de ser CLT ou não ser CLT, etc., e eu não me interessa absolutamente agora e eu disse que não, não quero mexer com isso, deixa o pesquisador e Biologia, Ciência de Saúde, então fiquei nessa classificação até agora, o contracheque é Pesquisador em Ciências da Saúde.

LK - De Saúde? O senhor não transfere prá universidade com vínculo? O senhor é cedido?

EP - Não, e quando, foi nomeado como professor catedrático, então eu entrei na, naturalmente no quadro do Ministério da Educação, então eu tinha dois cargos, ou duas posições no serviço público.

LK - Dr. Paulini por que é René Rachou vem criar e dirigir o centro em Minas?

EP - Não entendi a pergunta, porque ele dirigiu?

LK – Por que é ele quem faz a transferência e ele quem vem dirigir?

EP - Eu acho que a razão foi que na, no Rio, realmente a produtividade do centro e do instituto, naquela época instituto, foi muito prejudicado pela localização. Aquela, aquela, diariamente aquela viagem, ficar lá e tal, fez com que, esgotou as pessoas, sem, muitas vezes na época de verão a gente já chegou cansado lá de manhã, 9 horas quando chegava no instituto já estava cansado. Aí a produtividade era muito ...

LK - Mas René Rachou era chefe da equipe lá, qual era a atividade de René Rachou dentro do Instituto?

EP - Naquela época quando, no Rio, o Rachou foi o malariologista, ele fez um, começou a trabalhar no, como jovem médico, começou a trabalhar no Serviço Nacional de Malária, e estava crescendo como malariologista, epidemiologista de malária, fez muitos trabalhos no Sul, em Santa Catarina, especialmente, e...

Lívia - Maravilhoso, excelente...

EP - Uma pessoa admirável do ponto-de-vista da capacidade intelectual. Ele por exemplo, prá escrever um um trabalho, sentou-se à mesa. Sempre tinha uns cinco, seis lápis, com ponta bem feita, e começava a escrever tudo a lápis com uma folha almaço e no primeiro rascunho já saiu o trabalho completo, perfeito. E eu admirava tremendamente porque eu, na minha média, a minha média era escrever três vezes o mesmo trabalho. O primeiro rascunho não gostei; segundo rascunho não gostei; no terceiro rascunho saiu. E ele sentou-se e saiu, no seu cérebro já estava tudo esquematizado perfeitamente e tal e só mudava talvez uma palavra, outra palavra e pronto já estava, podia bater à máquina.

LK - Ele veio prá Minas dirigir o centro, ou ele já era diretor no Instituto?

EP - Sim, o anterior, antes dele foi o engenheiro ...

LK - Romero?

EP - Romero, é. E agora o Romero, não sei, não me lembro a razão porque que deixou o, porque ele deixou a chefia do Instituto porque foi Romero, à época de Romero que foi quando eu entrei, fui contratado. Agora, o René Rachou foi nomeado ainda no Rio e depois então ele promoveu. Agora, eu não conheci, não teve um contato assim tão íntimo com ele que pudesse, quer dizer, que pudesse ser descoberto anteriormente as razões que eventualmente o papel que ele teve na transferência do instituto prá Belo Horizonte. Eu tenho impressão que o Ivan Ricciardi poderia saber mais, se ele lembra, porque ele trabalhava muito junto com Rachou.

LK - Porque Rachou fica só até 1957 aqui, né?

EP - Sim, e depois ele recebeu um convite para trabalhar nas oficinas sanitárias pan-americanas, a aí foi para a América Central. Ele foi...

? - Atropelado, não?

EP - Não, atropelado? Bom eu sei que sofreu uma fratura.

LK - É, na perna...

EP - Na perna, e no hospital de repente teve uma embolia pulmonar e

LK - ...Um acidente?

EP - Pois é, quer dizer, no hospital, onde a gente pressuponha que tenha uma supervisão, sofrer um acidente desse tipo é muito, muito triste, porque realmente... Agora no meio tempo, certa ocasião, antes de ir prá Organização Pan-americana, ele recebeu uma bolsa da [Fundação] Rockefeller, da Fundação e para um curso eventualmente, doutoramento e tal, especialização na Universidade de Harvard. E ele foi, passou dois meses, mais ou menos, e voltou, e então me lembro que eu, perguntei, mas porque que você Harvard? Ele disse que não aguentei, fisicamente não aguentei, ele teve algum problema na coluna, e ele disse que fazer esse trabalho, quer dizer, o que exigiram da gente, eu não aguento lamento muito, mas...

LK - Então ele provavelmente sai daqui em com essa bolsa? É porque ele vem e monta o Centro, né? Então é uma coisa que começa a funcionar uma série de coisas prá acontecer, quer dizer, é um trabalho que é apaixonante nesse momento? E aí ele deixa o centro e sai, é isso que eu estava querendo entender um pouco.

EP - Bom, evidentemente uma coisa é certa, essa era uma bolsa da Fundação Rockefeller e fazer esse curso em Harvard, a mais famosa escola no mundo, então é naturalmente é uma coisa, acho que ninguém, quer deixar. Além disso, ele organizou tão bem, ele teve, realmente tinha uma capacidade extraordinária de organizar as coisas, a equipe dele funcionava, ele não precisava nem olhar o que estão fazendo, aquele funciona tão bem e de modo que, ele calculava que mesmo na sua ausência o instituto e os laboratórios vão funcionar, e naturalmente não tinha problema porque cada laboratório foi montado com excelente pessoal, com produtividade já comprovada, de modo que aquele era uma máquina perfeita, lubrificada, tal, e não precisava cuidar.

LK - Ele é substituído pelo Roberto, né?

EP - Na área de hidrobiologia.

LK - Ele trabalhava com ecologia também alguma coisa por aí?

EP - Pois é, hidrobiologia relacionado com, com os insetos, quer dizer, a criação de anofelinos inclusive passou na esquistossomose também, porque tudo necessita água. Então, o trabalho dele contribuiu também os conhecimentos de condições físicas, dos criadouros de mosquitos e caramujos, [...]

LK - É porque eu vejo que o senhor tinha uma posição no laboratório mais independente, né, com financiamento externo, com relação externa muito mais...

EP - De trabalho sim.

LK - Então, o senhor não dependia muito de verbas disponíveis prá o Centro? Isso era uma coisa, por exemplo, manter equipamento daqui a um tempo, pelo seu trabalho o senhor recebe equipamento?

EP - Sim.

LK - Agora o senhor tem ideia de como é que isso funcionava nos outros laboratórios? Era um período difícil esse período de, logo depois que o René Rachou sai? Havia queixas de ...

EP - Eu acho que não posso contribuir prá isso, não me lembro. Como disse meu trabalho estava tão...

LK - O senhor tinha uma posição de evidência.

EP - Também montado etc. e aquilo corria normalmente e estava, me recordo que muitas vezes eu entrei na minha sala e o laboratório, quer dizer, andava até o laboratório, voltei à minha sala, e trabalhava lá sem falar com ninguém, de modo que, não, realmente era um laboratório bastante independente e tinha problemas diferentes, não dependia tanto da organização do próprio centro. Então, pequena...